

Memórias de um “caçador de imagens” ou as *Imagens de Portugal* do Estado Novo vistas por Abel Escoto

Maria do Carmo Piçarra

Universidade Nova de Lisboa

carmoramos@gmail.com

A série de cine-jornais *Imagens de Portugal* foi patrocinada pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI) para promover a propaganda cinematográfica do Estado Novo - e a sua produção foi assegurada entre 1953 e 1958 pela Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas (SPAC). Com realização de António Lopes Ribeiro desde o número 1 ao 157, a actualidade filmada do regime foi filmada pela câmara de Abel Escoto, que o Novo Cinema veio a integrar no movimento como director de fotografia de textitDom Roberto, de José Ernesto de Sousa, entre outras obras.

Quinzenalmente, dois ou três cinemas de estreia de Lisboa e um do Porto, e depois vários cinemas de reposição e mais de cinemas de todo o país, mostravam a actualidade em filme, tal como os homens da propaganda determinavam mostrá-la. Abel Escoto contou-me a sua experiência como “caçador de imagens” para o regime [entrevista realizada em 2000, Lisboa].

Maria do Carmo Piçarra: As *Imagens de Portugal* eram financiadas como?

Abel Escoto: Pelo Secretariado Nacional da Informação (SNI).

MCP: Pelo SNI ou pelo Fundo de Cinema Nacional?

AE: Era mesmo pelo SNI.

MCP: O SNI nessa altura tinha uma secção de cinema. . .

AE: Tinha, tinha.

MCP: Eles pagavam as actualidades na íntegra?

AE: Julgo que sim. Isso não posso garantir. Mas era, de certeza. E enquanto lá estive fiz uma série de documentários. As viagens presidenciais também eram financiadas pelo SNI. Pagava tudo.

MCP: Pagavam pouco?

AE: Não era para enriquecer.

MCP: Das reportagens que fez para *Imagens de Portugal*, qual/quais tiveram mais interesse para si?

AE: Foi a do Vulcão dos Capelinhos, nos Açores. Vale a pena ver esse documentário.

MCP: Dava-se muita importância às notícias culturais¹?

AE: Dava, dava. Era uma maneira de dar a conhecer ao país coisas que havia e as pessoas não conheciam. Filmei uma vez uma coisa que pouca gente deve ter visto que são as jóias da Coroa, que estão guardadas num cofre forte no Museu das Janelas Verdes. É raro ir lá alguém ver aquilo,

MCP: E nessas notícias culturais também davam destaque às iniciativas do SNI, género inaugurações das pousadas de Portugal. . .

AE: Nas culturais não. Se havia uma reportagem de uma inauguração dessas entrava mesmo no jornal, na parte das reportagens. A parte cultural eram castelos, paisagens, coisas assim, que eram pouco vistas pelos portugueses.

MCP: O jornal tinha uma componente muito grande de inaugurações e cerimónias públicas. . .

AE: Ah sim, é claro. (O jornal) Praticamente, era coisas oficiais. Havia desporto. Futebol, que era o que havia naquele tempo e pouco mais.

MCP: Como é que as pessoas lidavam com a câmara, nos sítios onde ia filmar?

AE: Havia aquela curiosidade própria. Até aqui em Lisboa. . . Aborrecia-me muito filmar exteriores aqui em Lisboa. Porque ia aquela gente toda para cima da gente, que era uma maçada! Tirando aquela curiosidade, deixavam trabalhar. Havia rapazes que se punham em frente mas era raramente. Tenho uma história muito gira mas é já depois do 25 de Abril. Fui com o Sinde Filipe que estava a realizar vários documentários. Eu trabalhava no antigo Instituto de Tecnologia Educativa, que agora é a Universidade Aberta. Ele fez vários documentários para lá e entre eles duas histórias do Miguel Torga. . . Uma dessas histórias fomos fazê-la lá

¹ Não têm uma correspondência directa com as notícias actuais da área da cultura. Culturais eram as reportagens mais desenvolvidas que, em *Imagens de Portugal*, abriam a edição, antes do noticiário propriamente dito.

para cima, para ao pé de Viseu. Numa aldeia, nem havia luz eléctrica. . . Foi logo a seguir ao 25 de Abril e tinham lá estado os soldados e aquela gente toda a fazer a propaganda daquele tempo. Eles tinham ficado beras com aquilo. Então entrámos lá e fomos recebidos à paulada. Julgavam que a gente ia para lá fazer a mesma coisa. Viémos cá abaixo, falar com o comandante da GNR e ele lá levou uma força da GNR à nossa frente e lá foi falar com os homens. Depois foi uma maravilha. Tínhamos tudo quanto queríamos daquela gente. Mas foi um caso sério para lá podermos entrar. E depois lá estivémos a fazer o documentário, a curta-metragem, que era *O Leproso*.

MCP: Voltando às *Imagens de Portugal*, chegou a filmar manifestações de apoio a Salazar?

AE: Não filmei muitas. Isso só se dava quando havia eleições. Principalmente quando houve as eleições em que entrou o Humberto Delgado. Mas aí ainda eu não estava no jornal. Quem fez isso foi o Queiroga. Até foi preso por causa dessa brincadeira.

MCP: E nessas manifestações havia muita gente ou tinham de filmar de modo a parecer que havia muita gente?

AE: Oh filha, isso tinha que se fazer! Fui a várias manifestações – não dessas de eleições mas de outras - e tínhamos de mostrar que havia lá muita gente mesmo. Tinha-se de se filmar com uma objectiva que fechasse o campo e que mostrasse muita gente, sem vazios à volta. Filmávamos sempre com objectivas que fechavam o campo, mostravam muita gente e que não deixavam vazios à volta. Isso fiz muitas vezes.

MCP: E que faziam mais, além disso?

AE: Apanhar o máximo possível as manifestações que interessavam à situação e fosse a favor da situação. Fazia-se o máximo possível para mostrar.

MCP: Alguma vez foi pressionado para destacar coisas em particular?

AE: Nunca tive muita pressão para fazer fosse aquilo que fosse. Eu tinha a consciência do que estava a fazer. Nunca fui a favor deles. A prova é que veio o 25 de Abril e nunca ninguém me incomodou. Porque nunca fui a favor nem contra. Era a minha profissão, tinha de o fazer. Tinha de comer todos os dias. Tinha a consciência do que estava a fazer e dentro da minha consciência, fazia o melhor que poderia fazer para os satisfazer. Não podia “Agora deixa-me cá tramar estes gajos” – des-

culpe o termo – e pôr uma objectiva larga para mostrar só vazios. Tinha a consciência de que se aparecesse lá com isso, se calhar mandavam-me embora.

MCP: Trabalhou nas *Imagens de Portugal* durante seis anos. O Lopes Ribeiro conseguiu esse garantir a produção do jornal para o SNI durante esses seis anos. Depois disso o SNI abriu concurso. . .

AE: E foi o Queiroga. O Lopes Ribeiro, ou não estava já muito interessado naquilo, ou qualquer coisa. O que é certo é que quem ganhou nesse ano o concurso foi o Queiroga, que tinha a sua própria equipa.

MCP: A SPAC fica só a fazer documentários e mais tarde é comprada pelos Exclusivos Triunfo. O Abel vai para a RTP.

AE: A RTP abriu em 1957 e eu fui para lá em 1958.

MCP: E que fazia lá?

AE: Era o chefe dos operadores.

MCP: E fazia a mesma coisa?

AE: Era, era mais ou menos a mesma coisa. Era ainda com câmaras de 16mm. Só se fazia com cinema.

MCP: Quando trabalhou em *Imagens de Portugal*, como é que a polícia lidava com os operadores de câmara?

AE: A polícia não chateava muito. Só me lembro de uma vez ter um problema. Ia para uma reportagem e não levava livre trânsito nem nada e mostrei a carteira profissional. Ele não quis saber e depois eu até disse isso no sindicato: "Isto, afinal de contas, não serve para nada". Diz lá para darem facilidades a quem possuir esta carteira mas afinal de contas não serve para nada. Depois lá consegui convencer o polícia e ele deixou-me.

MCP: Era a fazer o quê?

AE: Já não me lembro.

MCP: Mas era nas *Imagens*?

AE: Era nas *Imagens*. Mas quando ia para fora não. Aquele, o Casaca, que fugiu para Espanha, foi comigo em viagens com o presidente. Ele é que era o chefe da polícia de Estado. Lidava com a gente nas palminhas. Tínhamos tudo quanto queríamos deles. A polícia era simpática, pois não, não havia de ser. . . Ia até a a abrir caminho para a gente e tudo.

MCP: Por isso é que perguntava à pouco sobre como era com as multidões e as pessoas. . .

AE: Se não tínhamos a ajuda da polícia, não era fácil. Tive uma vez um funeral – para ser filmado era de um graúdo, claro – no cemitério dos Prazeres e o homem foi metido num mausoléu. Só que havia o mausoléu e depois havia um gradeamento em ferro, com umas setas lá em cima. E havia uma multidão que tapava tudo. “Como é que vou fazer este serviço? Como é que me vou meter no meio desta malta toda para filmar lá o morto? A única maneira é ir para o gradeamento e filmar dali”. Amarenhei por ali acima. Podia ter caído e ter-me espetado naquelas setas. Lá fiz aquilo. Deitei o fio da câmara lá para baixo, puxei a bateria para cima. . .

MCP: E como é que se segurava?

AE: Olha, as setas eram altas. Punha a perna à volta delas e segurava-me. E lá filmei aquilo.

MCP: Com uma câmara de doze quilos?

AE: Pois, doze quilos. E consegui filmar. Era a única maneira de fazer aquilo. A gente tinha que se desenrascar na altura. O que havia de fazer? A reportagem era bom para isso. Tínhamos situações em que tinha de se improvisar e tínhamos de puxar pela cabeça para conseguir resolver.

MCP: Cerimónias oficiais, com tribunas, já era mais simples?

AE: Já era mais fácil. Tínhamos a possibilidade de ir lá para o pé e não havia multidões. Onde se filmava lindamente era nas igrejas. Os Te-Deum e assim, era uma maravilha! Andávamos por onde queríamos, filmávamos o que queríamos.

MCP: E chegou a filmar cerimónias no Terreiro do Paço?

AE: Sim, sim, sim.

MCP: Eram sempre cerimónias com alguma grandiosidade.

AE: Fiz muitos desfiles, com a Mocidade Portuguesa, no 1.º de Dezembro.

MCP: Como é que se conseguia inovar? Seis anos a filmar 1.ºs de Dezembro. . .

AE: Aquilo era sempre igual. Tinha é que se mudar de ângulos e inventar coisas para não se mostrar sempre a mesma coisa.

MCP: Alguma viagem que tenha gostado particularmente de filmar?

AE: Gostei muito do Brasil e de Inglaterra. Gostei de certo modo em Espanha.

MCP: Como é que era o Franco?

AE: O Franco era simpático. Tão simpático era que, numa cerimónia em que houve uma entrega de uma espada – já não me lembro se era o Franco que entregava ao Craveiro Lopes se era o Craveiro Lopes que dava ao Franco... Sei que aquilo era uma cerimónia ao ar livre e fez-se uma cunha dos jornalistas todos. Havia para lá jornalistas, fotógrafos, de muito lado. Combinou-se fazer uma espinha para todos fotografarem. Só que há sempre aqueles espertos que querem apanhar tudo. Na altura de o homem entregar a espada foi para ali tudo e nós do cinema não fizemos nada praticamente. Tivemos de pedir ao Craveiro Lopes para entregar de novo a espada. Para fazer só para o cinema. Fizeram então a mesma cerimónia para a gente filmar. Podiam ter dito: "A gente não tem nada com isso". Mas eles também queriam ficar no boneco.

MCP: E cerimónias políticas que não eram públicas, como a entrega de credenciais de diplomatas. . .

AE: Isso também fiz muita coisa.

MCP: Era só o Abel que lá estava ou havia mais jornalistas?

AE: Não. Havia mais jornalistas. Cada jornal tinha um fotógrafo ou então havia um fotógrafo que fazia para todos os jornais – para não serem muitos. Eu era o único de cinema. A essas coisas ia a todas. Já me conheciam. Toda a gente me vinha cumprimentar. Aconteceu-me até uma coisa muito gira. Fiz a viagem inauguração do barco *Vera Cruz* ao Brasil. A bordo, aquilo era só convidados. E fizeram um torneio de pingue-pongue a bordo, com os convidados, os jornalistas. Entre eles ia o Adriano Moreira. Ele era novo nessa época, como eu era. Nos barcos, enjôo muito. E como sabiam que jogava um bocado de pingue-pongue lá me iam chamar e eu dizia que não podia ir porque estava enjoado. Lá fui e fiz o torneio e mesmo enjoado e tudo ganhei o torneio. Aquilo acabou e eu já não me lembrava nada do Adriano Moreira. Mas o Adriano Moreira, cada vez que me via, em qualquer cerimónia, mal me via vinha logo para me cumprimentar. Eu pensava: " Mas de onde é que eu conheço este tipo? Ele fala-me tão bem". Tinha uma série de jornais de bordo e fui lá ver. Um dos que eu tinha eliminado era o Adriano Moreira.